

Resumo Semanal

16/05 a 23/05

Cenário Internacional

As bolsas americanas tiveram um desempenho negativo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma desvalorização de 2,61%. O dólar registrou uma leve queda de 0,24% frente ao real.

Apesar dos sinais de firmeza na atividade, autoridades do Federal Reserve alertaram que preços mais altos estão a caminho, impulsionados pelo recente aumento nas tarifas de importação. A alta nos juros dos títulos do Tesouro dos EUA também refletiu esse ambiente de incerteza e o avanço de medidas fiscais expansionistas propostas pelo governo Trump.

No cenário político e comercial, Donald Trump anunciou nesta semana que, após uma conversa de mais de duas horas com Vladimir Putin, Rússia e Ucrânia darão início a negociações de paz "imediatas". Trump classificou a conversa como produtiva, mas afirmou que os EUA se retirarão das tratativas caso não haja avanços concretos.

Além das incertezas geopolíticas, da escalada tarifária e do recente rebaixamento da nota de crédito dos EUA pela Moody's, a política fiscal do país segue em alerta devido discussões sobre a reforma fiscal. Com isso, as expectativas acerca da taxa de juros se deterioraram, preocupando os investidores e ocasionando queda nas bolsas.



Desempenho do dólar		
Na Semana	No mês	No ano
-0,24%	-0,44%	-8,55%

Ativo	Na Semana	No Mês	No Ano
S&P 500	-2,61%	4,20%	-1,34%
Nasdaq	-2,47%	7,40%	-2,97%

Brasil

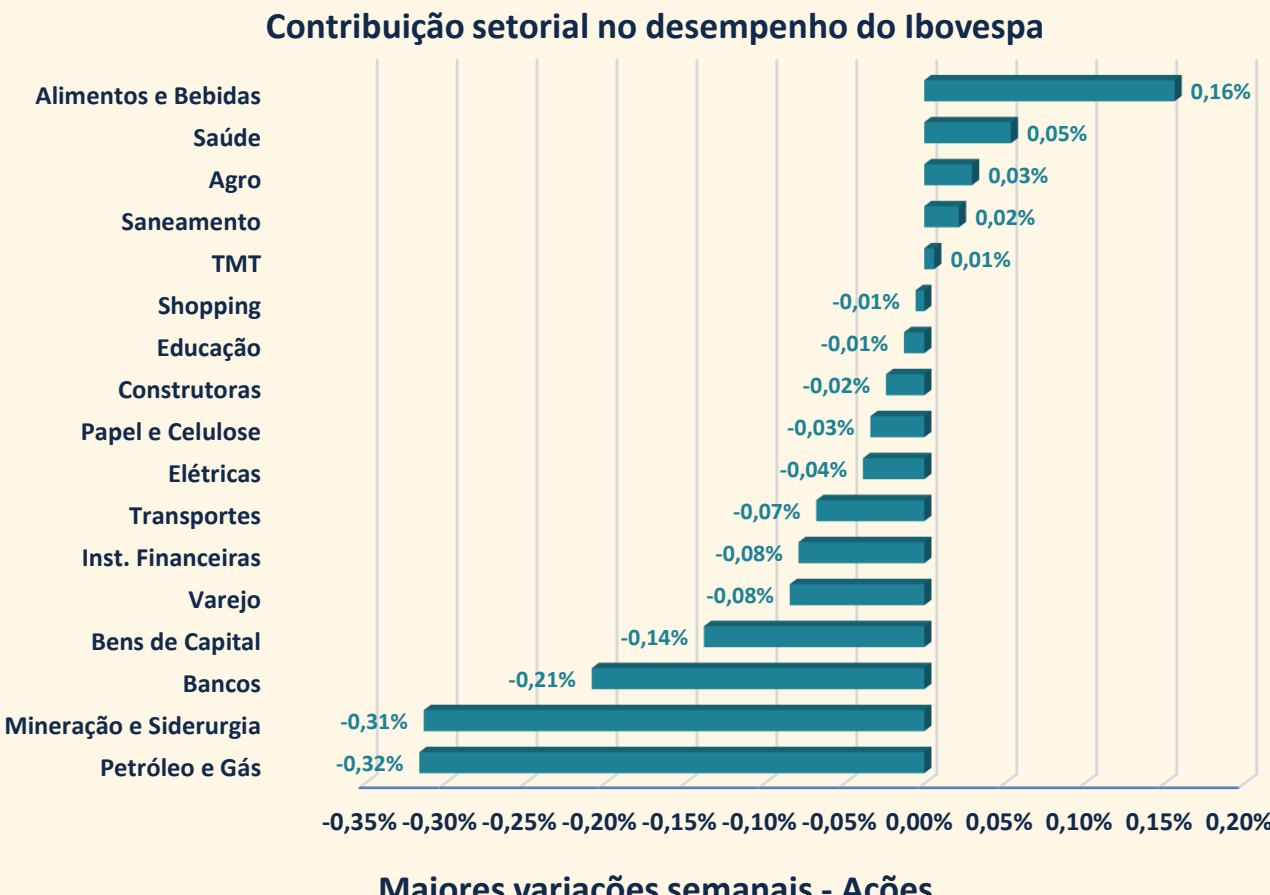
Bolsa

O Ibovespa interrompeu a sequência de altas semanais e encerrou o pregão dessa sexta-feira em queda de 0,98%, cotado a 137.824.

O início da semana foi bastante promissor e a bolsa brasileira renovou o recorde histórico após a revisão positiva do banco Morgan Stanley para ações brasileiras, que passaram a ser recomendadas como "overweight" (compra). Outras casas como JP Morgan e Safra também alteraram a recomendação para "compra" e ajudaram a propagar o otimismo. Contudo, no decorrer da semana a preocupação com o cenário fiscal nos Estados Unidos superou o otimismo da bolsa e impulsionou a alta nas taxas de juros (tanto lá fora quanto no Brasil), jogando os ativos de risco para o campo negativo. Na quinta-feira, após o fechamento do mercado, a equipe econômica do governo brasileiro divulgou uma série de mudanças na taxa de IOF (imposto sobre operações financeiras), o que causou uma repercussão tão ruim a ponto de obrigá-la a revogar algumas das medidas antes mesmo da abertura do mercado na sexta. Com as revogações, o Ibovespa anulou as perdas e encerrou o pregão de sexta em alta de 0,4%.

Diante da preocupação com o cenário fiscal nos Estados Unidos, os setores ligados ao crescimento mundial recuaram e foram os principais detratores no Ibovespa. Na ponta positiva, o setor de Alimentos & Bebidas foi o que mais contribuiu, puxados principalmente pela recuperação das ações da JBS (JBSS3), que subiram 7,3%. Além da JBS, foram grande destaque positivo as ações da Raizen (RAIZ4), que dispararam 25,15% após acertar a venda de mais um grupo de projetos de usinas de geração solar para a Pátria, em continuidade do movimento de desalavancagem da empresa. Na ponta inversa da balança ficaram as empresas com maior responsabilidade aos movimentos de juros e ligadas à economia interna. Azzas (AZZA3), MRV (MRVE3) e Vamos (VAMO3) encerraram a semana em quedas de 11,85%, 9,46% e 9,25%, respectivamente. As ações da Cogna também recuaram 7,94% após a divulgação do novo marco regulatório da educação, que pode trazer impactos negativos para empresas do setor, ao aumentar os custos com professores e estrutura num setor com dificuldade de repasse de inflação.

Contribuição setorial no desempenho do Ibovespa



Maiores variações semanais - Ações

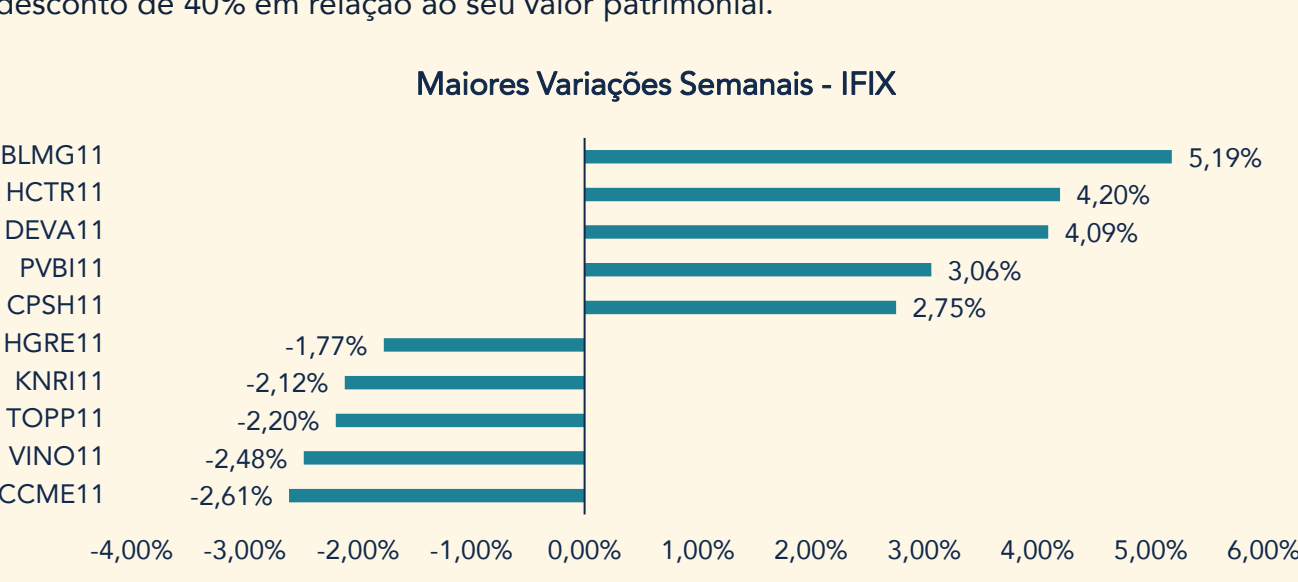


Fundos Imobiliários

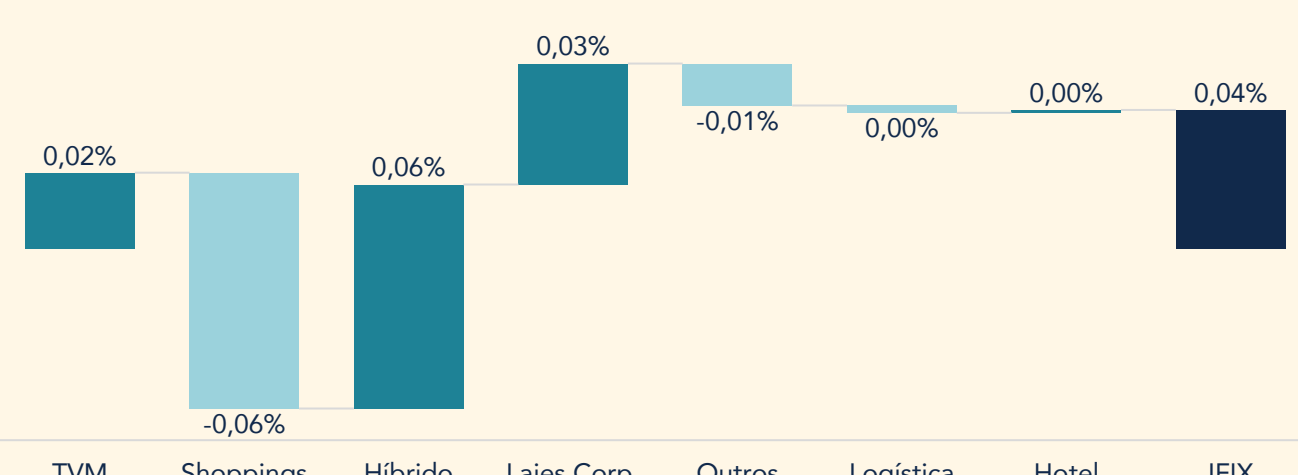
A performance do IFIX na semana fora modesta, com alta de 0,04%, carregado principalmente pelos setores Híbridos e Lajes Corporativas, com performances de, respectivamente, 0,06% e 0,03%. Como detrator, temos o setor de Shoppings, com performance de -0,06%.

Dos fundos acompanhados pela área de produtos, tivemos duas atualizações relevantes: (i) o FII TRXF realizou venda do imóvel Açai Ipatinga, em MG, por R\$ 71 milhões. Além desse valor inicial, o comprador assumirá uma dívida vinculada a um CRI no montante de R\$ 11 milhões. O fundo também terá direito a mais três parcelas futuras, totalizando R\$ 14 milhões, o que eleva o montante final para, aproximadamente, R\$ 85 milhões. A operação gerou um lucro de R\$ 16 milhões para o fundo (R\$ 0,80 por cota) e redução de R\$12 milhões de alavancagem; e (ii) o FII BTLG apresentou uma carta de intenções para a aquisição da totalidade dos ativos que compõem o portfólio do SARE, do Santander, pelo montante aproximado de R\$ 476 milhões. O SARE possui um patrimônio líquido de aproximadamente R\$725 milhões e um valor de mercado de R\$431 milhões, refletindo um desconto de 40% em relação ao seu valor patrimonial.

Maiores Variações Semanais - IFIX



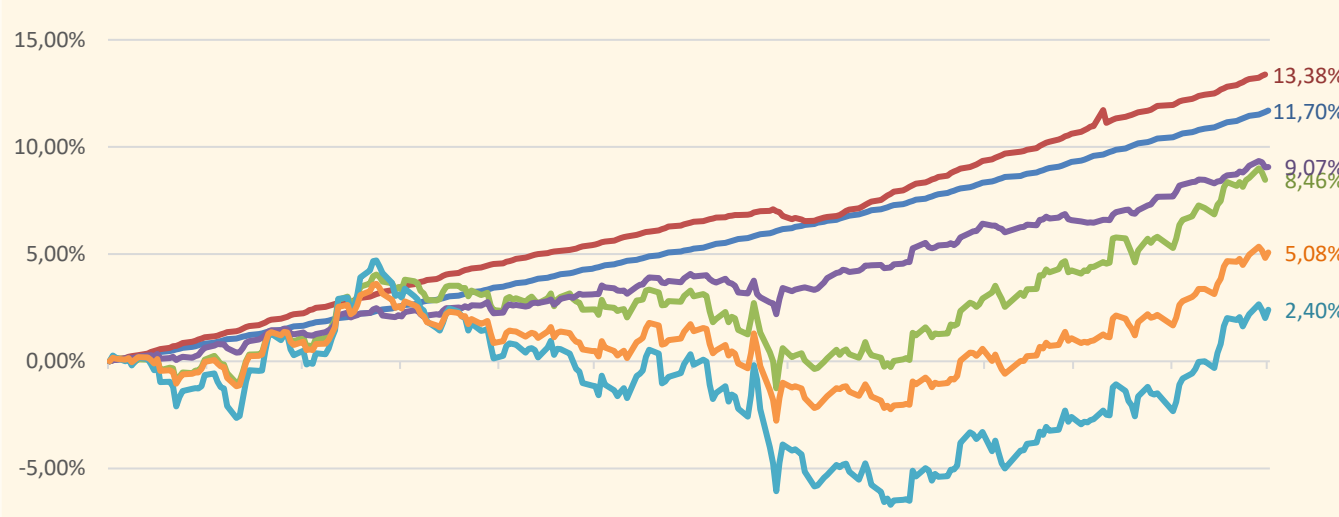
Performance Setorial - IFIX



Juros e Renda Fixa

O mercado de juros no Brasil teve uma semana marcada por forte volatilidade, refletindo tanto o cenário fiscal doméstico quanto os sinais da política monetária. O principal destaque foi a divulgação do Relatório Bimestral de Receitas e Despesas do governo, que apresentou um corte de gastos (contingenciamento) de R\$ 31 bilhões trazendo um alívio inicial ao mercado. No entanto, esse efeito positivo foi rapidamente revertido. Ao examinar os detalhes, os investidores perceberam que o governo está buscando cumprir o piso da meta fiscal, ou seja, fazer o mínimo necessário para evitar ultrapassar o limite de déficit permitido, sem demonstrar um esforço mais amplo para melhorar a saúde das contas públicas. Essa postura mais conservadora gera desconfiança e aumenta a percepção de risco. A situação se agravou mais com o anúncio de IOF, imposto sobre operações financeiras, interpretado como uma tentativa de conter a saída de capital estrangeiro, o que elevou ainda mais o nível de cautela do mercado.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado			Descrição	Títulos Impactados
	16.05 - 23.05	Mês	2025	1 Mês	12 Meses		
CDI	0,27%	0,81%	4,92%	1,13%	11,70%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI.
IMA-B	0,34%	1,65%	7,36%	3,35%	5,08%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA.	Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,12%	0,55%	5,50%	1,28%	9,07%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.	Tesouro IPCA+ de curto prazo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5+	0,47%	2,43%	8,70%	4,85%	2,40%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.	Tesouro IPCA+ longo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IRF-M	0,43%	0,67%	8,48%	1,86%	8,79%	Índice de títulos públicos prefixados.	Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F), Debêntures Prefixadas, CRIs, CRAs.
IDA DI	0,24%	0,89%	6,35%	1,27%	13,38%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.	Debêntures DI, CRIs e CRAs.
IDA IPCA	0,01%	1,10%	8,79%	3,01%	8,46%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.	Debêntures IPCA+, CRIs e CRAs.



As taxas de juros, como o DI para janeiro de 2026, subiram levemente de 14,75% para 14,77%, refletindo a expectativa de que a Selic deve permanecer no patamar atual. Já as taxas de longo prazo, como o DI para janeiro de 2031, avançaram de 13,69% para 13,89%, sinalizando que os investidores estão mais cautelosos com o futuro das contas públicas.

A semana foi positiva para a renda fixa, com destaque para os títulos atrelados à inflação. O IMA-B 5+ subiu 0,47%, refletindo o movimento de alta da parte longa da curva, enquanto o IMA-B, que representa uma carteira mais ampla desses papéis, avançou 0,34%. Já o IMA-B 5, que concentra vencimentos de até cinco anos, teve valorização mais tímida, de 0,12%.

Para os prefixados, o IRF-M apresentou alta de 0,43%, ainda influenciado pelo movimento de queda de juros no início da semana e pela expectativa de maior controle fiscal. No crédito privado, o IDA DI, que reflete debêntures atreladas ao CDI, subiu 0,24%, em linha com a manutenção da Selic que patamar elevado. Já o IDA IPCA, que mede o desempenho de debêntures indexadas à inflação, ficou estável.